

Veronica DEVIÁ
Finalista do concurso de redação de 2013 “O que eu sei sobre o Azerbaijão?”

JAZZ MUGHAM: MARAVILHAS DO AZERBAIJÃO



Através da música de um povo conseguimos ler nas entrelinhas de sua cultura, história e tradição. Podemos entender melhor quem são suas pessoas, como elas se relacionam com o mundo e quais são os seus valores, abertos ou fechados para a humanidade e seus semelhantes.

Por estas e outras razões, o jazz é considerado uma música universal que une os povos do mundo ao redor do ritmo, dos instrumentos e, acima de tudo, do amor pela música ao redor do globo: dos Estados Unidos ao Japão, do Brasil ao Azerbaijão.

É nos longínquos estados do sul dos Estados Unidos que nasce este ritmo; trazido pelos escravos que, unidos em canções religiosas para lamentar e exorcizar seus males, entoavam cantos religiosos do cristia-

nismo chamados “Negro Spirituals”. Não demorou para que este primeiro estilo culminasse no blues e, enfim, no jazz, estilo sofisticado que tem influências dos clássicos eruditos europeus e une-se às culturas locais aonde é levado.

Dando a volta ao mundo, o estilo não poderia ter evitado o Azerbaijão. O país é reconhecido por ter uma sofisticada cultura musical que existe há mais de mil anos e tem até inúmeros instrumentos musicais exclusivamente nacionais, dentre eles *laggutu*, *balaban* e *qopuz*, que são alguns exemplos de percussão, sopro e cordas, respectivamente.

Estes fazem parte das tradições musicais próprias do país, que incluem os gêneros *Mugham*, *Meykhana* e *Ashiq art*. O primeiro é, desde 2003, considerado Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade





pela UNESCO. Não é para menos: é uma sublime forma de arte em que o artista transpõe suas emoções em melodia e poesia, improvisando sobre o tema sem jamais abandonar a tradição. O Mugham é apreciado também pela sua fluidez e liberdade formal, que o afasta da música típica da Ásia Central dos países vizinhos ao Azerbaijão e o aproxima dos gêneros ocidentais como o jazz. Além da importância musical, o gênero destaca-se pelos temas trazidos da tradição oral. Estes estão presentes nas canções e advêm desde a Idade Média, chegando aos dias de hoje, escolhidos a cada ocasião em que serão apresentados.

O Jazz Mugham é baseado em formas modais ou escalas de Mughams, ao invés da escala ocidental. O jazz tradicional é marcado pelo ritmo métrico, enquanto no Azerbaijão não se segue este sistema; temos o ritmo e a escala improvisados, segundo a tradição local. Contudo, o que poderia ter sido um fracasso de ordem melódica, encontra afinidade e material infinito para explorar a criatividade.

Neste contexto, vale ressaltar aqui os grandes compositores azerbaijanese: Uzeyir Hajibeyov, criador das Óperas Mugham, Fikret Amirov, compositor de Mugham Sinfônicos e Qara Qarayev que promoveu o estilo do jazz na música azerbaijana.

A posterior união com o gênero do jazz, portanto, parece uma tendência natural, uma afinidade eletiva dada pelas características dos estilos. De um lado, uma tradição

milénar que permite a improvisação através de inúmeros movimentos que se conectam, remetendo ao antigo e criando o novo ao mesmo tempo; de outro, o gênero ocidental que se baseia no improvisado em si.

Com certeza, isto foi percebido pelo músico Vagif Mustafazadeh, que é reconhecido como o criador do jazz no Azerbaijão, numa mistura deste estilo com o típico Mugham. O título também é atribuído aos músicos Niyazi e Tofig Guliyev, que, em 1930, criaram a primeira banda de jazz local. Contudo, entre os anos 1920 e 1953, o gênero foi proibido pela União Soviética, que o censurou sugerindo que o gosto pela música “burguesa” levaria a decadência dos jovens cidadãos. Após esta última data, os primeiros músicos começaram a se reunir na capital Baku e deram origem ao denominado jazz Mugham, que unia as tradições locais da música do Azerbaijão com o gênero norte-americano. “Paixão à primeira vista”, nascia assim esta combinação perfeita. Entre os anos de 1950 e 1960, os primeiros estudantes amantes do gênero reuniam-se para tocar no Instituto de





Petróleo e Química de Baku, organizando pequenos encontros que recebiam as bandas locais.

Os jovens tocavam conforme sua interpretação de músicas típicas com os maiores hits do momento, dentre os quais figurava a música "Sun Valley Serenade", do norte-americano Glenn Miller, que tornou-se um hino desta geração. Nasceram assim, muitos nomes importantes da época, como Rafiq Babayev e seu quarteto e, mais tarde, do conjunto de Vagif Mustafazadeh.

Em uma agradável noite de junho de 1967, estreava a primeira edição do "Baku Jazz Festival" no renomado Teatro Verde, local muito

amado e frequentado pela população local. À época, o gênero começava a ganhar fãs e trilhava o caminho para se tornar um estilo musical adorado pelo público. Era o período de "relaxamento" do regime soviético de Nikita Krushev, e os músicos tinham a liberdade de tocar pela primeira vez em muito tempo, o que então era proibido, sem o medo de serem censurados e perseguidos.

Este período de efervescência veio a calhar: a cidade de Baku passava por um crescimento e desenvolvimento e eram inauguradas suas primeiras linhas de metrô, cinemas, teatros e casas de show. Músicas dos grandes nomes do jazz





como John Coltrane, Duke Ellington e Louis Armstrong eram tocadas em eventos sociais nestes novos espaços culturais. Deste período, entraram para a história as memoráveis performances de Devis no Cinema Nizami, da orquestra de Rauf Hajiyev

no Cinema Azerbaijan, dos talentosos trompetistas I. Kalantarly, L. Lubensky, entre outros.

O estilo tornou-se popular e os festivais de Baku passaram a receber muitas bandas oriundas da União Soviética e, enquanto o tem-

po passava e nos anos 1970 as relações com os Estados Unidos iam se atenuando, começavam a ser transmitidos também os primeiros programas de rádio norte-americanos sobre jazz. Foi um período de verdadeiro “boom” para o gênero no Azerbaijão. No final desta década e começo dos anos 1980, foram organizados outros festivais, como o “Outono Dourado” e “Baku 83”.

O evento “Baku-1987 Jazz da União” também foi um grande sucesso, recebendo os mais famosos grupos de jazz da União Soviética. A Agência estatal de televisão e rádio do Azerbaijão transmitiu o programa, liderado por Rafiq Babayev, com seu quarteto Qaya. A atração da edição, contudo, foi a jovem música e compositora de apenas 17 anos, Aziza Mustafa-Zadeh, que apresentou-se e foi aclamada com furor pelo público e crítica locais.





Após um longo hiato, as atividades acerca do gênero foram retomadas nos anos de 2002-2004, no festival “Jazz & Blues do Cáspio”. Apesar da história e do esforço dos organizadores, o evento embora apreciado, não teve o sucesso esperado. Foi apenas no “Baku Jazz 2005” que o festival agradou por sua forma e conteúdo, trazendo de volta a esperança para o Azerbaijão de que sua capital voltaria a ser portadora orgulhosa do título de “New Orleans do Mar Cáspio”, em referência à capital norte-americana do gênero.

Atualmente, os amantes do jazz no Azerbaijão – e especialmente em Baku -, podem frequentar a Baku Jazz Centre. Famosos jazzistas azerbaijaneses Javan Zeynalli, Salman Gambarov, Rain Sultanov, Amina Figarova, Aziza Mustafazadeh, Isfar Sarabski entre outros são participantes e vencedores de vários festivais musicais. O cantor do Mugham Alim Qasimov, chamado “Tesouro Nacional Vivo do Azerbaijão” é mundialmente reconhecido como um dos melhores do mundo. A aborda-

gem dele ao Mugham que é longe de ser conservativa, mistura-se com muito êxito com os outros estilos e principalmente com o jazz. No início da década de 90 o músico fez uma turnê no Brasil.

Em 28 de março de 2013, foi exibido no Astor Film Lounge de Berlim o documentário “Sari Gelin (Yellow Bride)”, de Klaus Bernhardt e baseado na ideia do diretor do Fórum Alemanha-Azerbaijão, Parviz Yazdani. O filme trata da fusão do jazz com a cultura folk Mugham, com entrevistas aos grandes nomes do gênero e mostrando a grande popularidade do gênero no país até os dias de hoje. O filme também destaca o papel muito importante da cidade azerbaijanesa Shusha na cultura musical do país.

Mais do que uma aquisição de um estilo musical estrangeiro, no Azerbaijão o jazz apropriou-se da cultura local através de sua própria tradição milenar Mugham. Não fez deste um instrumento de “colonização”, mas incorporou-o às suas memórias, tomou dele o que tinha

de melhor e uniu-o a sua música local. Trata-se do nascimento de algo novo, único, que apresenta as qualidades do país enquanto receptor de novas culturas, que integra-se ao mundo mostrando sua faceta singular e única. No caso da música, o público só ganhou com as iniciativas do Jazz Mugham, numa releitura da tradição cultural do país com um gênero desde sempre aberto a integrar-se e ouvir a humanidade.

Além de ser um estilo, no país o jazz pode fomentar também a integração, a festa, o regozijo coletivo. Nos festivais, a população encontrou uma forma não só de celebrar sua cultura mas também o nascimento de algo novo, produzido e fomentado pela sua própria juventude. Esta que é não apenas o futuro do país, mas também um reflexo do que a tradição ostenta; neste caso, pessoas que buscam na cultura da música uma forma de integração para um país ainda mais rico em história, diversidade e entendimento entre os povos. ✨